

PERFORMANCE, PRODUTIVIDADE E EXAUSTÃO: A SUBJETIVIDADE COMO CAMPO DE REPRODUÇÃO DO CAPITAL¹

Giovana Tiemi Tatesuji MARQUES²; Rodolfo Rorato LONDERO³

¹ GT 6 – Teoria e Epistemologia da Economia Política da Comunicação

² Universidade Estadual de Londrina, gt.tatesuji@gmail.com.

³ Universidade Estadual de Londrina, rodolfoondero@uel.br.

RESUMO

Quanto do sistema há em nós e quanto de nós reproduz o sistema?

A ordem capitalística não apenas organiza a produção material da vida social, mas também produz formas de subjetivação, moldando a relação do sujeito com o mundo e consigo mesmo. Baseada na extração de mais-valor, ou seja, na exploração do trabalho, essa ordem assume, na contemporaneidade, novas configurações. Conforme aponta Bolaño (2002), o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) redefine os processos produtivos e comunicacionais, incorporando os sites de busca, os algoritmos, as plataformas de comunicação instantânea e as inteligências artificiais ao mundo do trabalho. Nesse contexto, fenômenos como bancos de horas, acúmulo de funções, metas atreladas à remuneração variável, terceirização e informalidade são resultado das adaptações organizacionais que foram intensificadas pelas inovações tecnológicas (ANTUNES, 2018). A lógica contemporânea se difere por preterir o desempenho, a performance e a capacidade de sustentar as demandas imediatistas e irrestritas do mercado, sem conceder muitas garantias ou perspectivas ao trabalhador (SAFATLE, 2015).

Diante desse cenário, observa-se o deslocamento das formas tradicionais de exploração para modalidades mais difusas e internalizadas. A chamada “sociedade do desempenho” (HAN, 2015) institui uma dinâmica de autoexploração, na qual o sujeito se converte em empresário de si mesmo, exercendo simultaneamente as posições de agressor e vítima. Trata-se de uma violência sistêmica, exaustiva e de difícil percepção direta, com o intuito de atingir maior intensidade e produtividade no trabalho em prol do lucro. Assim, o problema que orienta esta pesquisa é: de que maneira a produção da subjetividade no capitalismo tardio contribui para a reprodução das novas formas de exploração do trabalho?

Para responder a esta questão, propomos articular a teoria crítica do valor e a EPC à noção de subjetividade capitalística desenvolvida por Guattari e Rolnik (1996). Partimos da hipótese de que a naturalização da subsunção do trabalho ao capital não ocorre apenas no plano estrutural, mas também no âmbito da produção subjetiva, que legitima e reproduz culturalmente esse modo de vida. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, orientada pelo método dialético, buscando compreender que a materialidade não é puramente física e a subjetividade não é apenas ideia, elas são configuradas e configuram a história pela mediação do trabalho.

A discussão preliminar indica que a separação entre economia política e economia subjetiva é insustentável, uma vez que “a subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material” (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 32). Nessa perspectiva, a subjetividade não é mero reflexo da base material, mas dimensão constitutiva da reprodução social. Tendo em vista que a produção da subjetividade capitalística corrobora com a reprodução da injustiça social por meio da normalização de modos de vida que privilegiam o lucro sobre a dignidade humana, esperamos demonstrar que o enfrentamento das novas formas de exploração do trabalho exige não apenas transformações estruturais, mas também engajamento

subjetivo (SAWAIA, 2014), comprovando que o campo da subjetividade é essencial para a compreensão e o enfrentamento da realidade material.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. In: ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 155-172.

BOLAÑO, C. R. S. Trabalho intelectual, comunicação e capitalismo: a re-configuração do fator subjetivo na atual reestruturação produtiva. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-78, dez. 2002.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. Subjetividade e História. In: GUATTARI, F; ROLNIK, S. GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 25-126. Disponível em: https://lasalvia.prof.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2020/06/GUATTARI-F%C3%A9lix_-ROLNIK-Suely.-Micropol%C3%ADtica-Cartografias-do-Desejo.pdf. Acesso em: 28 jun. 2025.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

SAFATLE, V. P. O trabalho do impróprio e os afetos da flexibilização. **Veritas**, Porto Alegre, v. 60, n. 1, p. 12-49, jan./abr. 2015.

SAWAIA, B. B. Transformação social: um objeto pertinente à Psicologia Social? **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 4-17, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Wx4KxGgWwRk57tqYxQS4Zhx/?lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2025.